

II CENTENARIO DE BORBA

Neste ano de 1956, celebra Borba o 2.º Centenário da sua elevação à categoria de primeira Vila e primeira Paróquia do Amazonas. A ocorrência dessa efeméride deveria despertar em todos os amazonenses, sentimentos do mais acendrado patriotismo em manifestações de amor e dedicação ao País e particularmente ao Estado em que temos a ventura de viver.

Borba primeira Vila é o início do Amazonas Político. Borba primeira Paróquia é o começo do Amazonas hierárquico. Talvez se pense que Barcelos tenha sido a primeira vila do nosso Estado, visto ter sido a primeira capital da Capitania de São José do Rio Negro. Mas não. A primeira povoação preuada com esse título e elevada a essa categoria, foi Borba. Seu nome primitivo era Trocáno. Seu fundador foi o jesuíta Pe. João Sampaio (Sampaio), o maior missionário do Rio Madeira, cujo nome se perpetua na linografia do nosso Estado com o lago do Sampaio ou do Pe. Sampaio. Nesse lago teve ele por algum tempo, uma aldeia.

Em 1712 inicia sua vida missionária em Canumã. Mais tarde, antes da prisão da Guajuricaba (Ajuricaba), vai ao Rio Negro para decimento de índios, a fim de formar núcleos de povoações ou aldeias que evoluíram e são hoje as nossas cidades. Incumbido em 1714 de cristianizar o Madeira, erigiu casas e igrejas... desceu índios... catequisou-os... Em 1723 auxilia Francisco de Mello Palheta que ia descobrir as cabeceiras do Madeira.

Em 1724, segundo Caeiro, contemporâneo dos velhos padres companheiros de Sampaio, fundou Trocáno. Continuando a subir o Madeira fundou e estabeleceu a Aldeia de Santo Antonio, à margem do igarapé entre o Rio Jamarí e a primeira Cachoeira do Madeira. Os superiores achando a aldeia demasiado longe e exposta aos ataques dos índios, retiram dela João Sampaio. Tendo os portugueses recorrido à Roma, o Geral dos Jesuítas ordena a sua volta. Era porém essa aldeia a mais remota e trabalhosa em todo o gênero de trabalho e moléstias, que ali indefectivelmente padecem os missionários. As febres que dizimaram os construtores da estrada Madeira Mamoré vêm de longe, diz um escritor. A aldeia persistiu até 1740. A fim de buscar clima e para se livrarem das vexações dos barbaros vizinhos, os Padres transferiram-se definitivamente para Trocáno, continuando como padroeiro Sto. An-

tonio Português. O Pe. Sampaio pode ser considerado como o construtor dos alicerces da atual Porto-Velho. Tendo passado a cachoeira, Sampaio ainda viajou 16 dias subindo o Madeira e encaminhou ao Governo, os dados pelos quais se poderia chegar ao Rio da Prata.

Subindo ao trono de Portugal D. José I.º em 1750, príncipe sem grandes qualidades intelectuais, escolheu para 1.º Ministro a Sebastião José de Carvalho, mais tarde Marquez de Pombal, homem cruel, como logo se revelou, audacioso, de ilimitada presunção, que não admitia que alguém pensasse diferente dele. Nomeou o irmão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Governador do Pará e do Maranhão, com poderes absolutos. Tratava-se também de fixarem-se definitivamente os limites entre as corôas de Hespanha e Portugal na Amazônia. Para isso nomeou Comissário por Portugal o mesmo Mendonça Furtado. Resolvido a extinguir a benemérita Companhia de Jesus, Pombal incumbiu ainda ao irmão essa tarefa. As aldeias seriam tiradas da administração dos missionários e entregues a seculares, mesmo índios.

Desde 1688 era o Rio Negro conhecido dos Jesuítas e era a grande fonte de índios, ponto convergente das estradas e decimentos para as aldeias do Baixo Amazonas e costa do Pará (Serf. Leite — Tom. III.º cap. IV.º). Entre eles perlustrou o Rio Negro o Pe. José de Souza comissionado pelo Governo para tratar com Guajuricaba (Ajuricaba). O Padre conseguiu do chefe índio, juramento de fidelidade a El-Rei, de não vender seus irmãos de raça como escravos aos Holandeses, etc. Estes juramentos Ajuricaba não respeitou o que foi a causa da sua prisão (Serf. Leite). Pelos jesuítas sabia o Governo Português da comunicação do Orenôco com o Rio Negro pelo Cassiquiare.

Desconhecedor da gigantesca região, ignorando as dificuldades insuperáveis da Amazônia o governo de Pombal determinara que o Comissário Hespanhol chegaria ao Rio Negro, pelo Orenôco para se encontrar aí com o Governador do Pará. Diz bem o historiador Seraf. Leite. «Pôr-se um homem do Pará a caminho do Baixo Rio Negro, com grande comitiva, para se entrevistar com outro, que há de vir pelo Orenôco, sem notícia certa de que ele já chegou ou se aproxima, naquelas distâncias e sertões... é ato de pessoa mal informada, falha de responsabilidade e bom senso».

Mendonça Furtado partiu a 2 de outubro de

1754 do Pará para o Rio Negro com numerosa e fátua ostentação de gente e soldados para impressionar o Espanhol (Serf. Leite). A 3 de março de 1755, por carta régia D. José Iº criava a Capitania de S. José do Rio Negro (Furtado Belém. Limites do Amazonas — Carta Régia).

Mandara o rei que as duas aldeias: Trocáno e Javary, que os Jesuitas administravam, fossem elevadas a vilas (Caeiro — Cap. III): «assim que os indígenas se vissem a si e as suas aldeias deste modo honrados, deporiam os costumes barbaros e rudes e facilmente assimilariam os modos civís e quasi polidos... (sic) (!!!).

Recebidas estas ordens adiou-lhes Mendonça Furtado a execução para o ano immediato, por quanto se achava então no Rio Negro, todo preocupado, ainda que baldadamente, com a chegada do delegado espanhol.

Desesperançado da vida de delegado espanhol, se dirigiu para Trocáno. A 2 de dezembro de 1755 chegou a Trocáno (Seraf. Leite). Estava esta aldeia a cargo do jesuita alemão Anselmo Eckart que recebeu amigável e festivamente o Governador e a toda sua comitiva, muitissima numerosa e o sustentou com toda liberalidade que as circunstâncias do lugar permitiam e de certo, com grandes gastos, enquanto lá se demoraram (Caeiro, Séraf. Leite).

Era a aldeia muito povoada, devido aos cuidados e grande atividade do Pe. Aleixo Antonio

que em 1751 se internou pelo Rio Negro e dali trouxe os selvícolas, o que era sumamente recomendado pelo Rei. —

No dia 1.º de janeiro de 1756, Mendonça ergueu na alaeia (Trocáno), junto a igreja, um madeiro com dois paus por cima (Pelourinho), mandou que se chamasse a vila de Borba a Nova. Depois foi nomeado para Intendente da nova vila Antonio Castro e para Vigario Feliciano Antonio da Costa. Alguns novos cidadãos foram escollidos para camaristas e vestidos de togas de la, que por suas proprias maos Mendonça lhes impoz. E feito isto, entregou em nome de El-Rei, a nova Vila tudo o que os jesuitas tinham construido e possuam. (Caeiro).

Havia na aldeia duas peças de pequeno alcance, levadas para ali, anos atraz, com assentimento do Governador Joao da Maia da Gama, não para defesa material, mas a fim de com o estrondo, afugentar os selvagens, da nação hostil dos Múras. Subjugados estes Indios, inúteis jaziam no povoado as inocentes maquinas de guerra, excepto na ocasião de publicos regosijos, em que seus tiros acordavam os écos da floresta (Lucio de Azevedo. Os Jesuitas do Pará).

Naquele dia, em que a povoação passou de aldeia a vila, serviram aquelas peças para com o troar festivo, aumentar a alegria não tanto dos moradores como do próprio Mendonça (Caeiro).

Estava inaugurada a primeira vila da nova Capitania de São José do Rio Negro.

Igreja de Borba

A primeira capela da aldeia Trocáno, dedicada a Sto. Antonio, foi construida pelo Padre jesuita João de Sampaio (Sam Paio) um dos grandes apóstolos do Brasil. Segundo o historiadador José Caeiro, contemporâneo dos factos, Sampaio fundou Trocáno em 1724, portanto nesse mesmo ano a capela. Alem das aldeias residenciais e suas capelas, os jesuitas como todos os Missionários, tinham outras capelas que visitavam periodicamente. Entre estas podemos collocar Trocáno, enquanto a séde era Sto. Antonio das Cachoeiras (perto de Porto-Velho).

Em 1751 tinham os jesuitas em Trocáno, bõa casa de residência e angariavam-se fundos para uma nova igreja, quando tudo parou, devido à perseguição movida pelo Marquez de Pombal, contra a Companhia de Jesus (Seraf. Leite — Tom. IIIº — Livro 4.º, Cap. 3.º). Os primeiros Vigários, nada fizeram. Mendonça deixára em Borba uma pequena fôrça, comandada por um

dos seus tenentes. Tendo saído os jesuitas, foi nomeado pároco interino Feliciano da Costa. Pouco depois brigam pároco e tenente. Mendonça tira o clerigo secular e nomeia um Carmelita como vigário. Nova briga. Mendonça em lugar de averiguar os fatos, queixa-se para Lisbõa que o Carmelita era pior que o clerigo a ponto de lhe escrever cartas destemperadas.

A obscura aldeia de Trocáno ou vila de Borba, tornou-se logo conhecida. Na inauguração troaram os dois canhõesinhos. Sabendo isso, o Marquez de Pombal, que procurava de todos os modos caluniar e destruir os jesuitas, propalou em sua celebre «Relação Abreviada» que os jesuitas se achavam fortificados em Trocáno, sendo os Padres alemães, desta aldeia e dos Abacaxis, disfarçados guerreiros. E assim o descárado engano correu mundo. (Lucio de Azevedo — Os Jesuitas do Gr. Pará).

Com a perseguição Pombalina iniciada em

Borba, ruiu a gigantêsca obra da Cristianisação da Amazônia.

A igreja de Borba ficou no abandono. O Santo Frei Caetano Brandão, Bispo do Pará, que em visita pastoral, esteve em Borba, de 19 a 21 de setembro de 1788, escreve em suas Memórias: A mesma igreja está coberta de palha, as parêdes esburacadas e negras; o pavimento de terra solta; os altares nus e com bastante indecencia, pobrissima de ornamentos e alfaias... Quanto à Igreja espiritual diz: Em tudo a mesma deformidade.

Mas que se poderia esperar, se como mais adiante escreve o Bispo, aquele que devia ser o modêlo do rebanho, conforme ensina o apóstolo S. Pedro, levava uma vida pecaminosa. Diz o profeta: Et erit populus sicut sacerdos.

Conforme o engenheiro J. M. da Silva Coutinho (Relatório sôbre alguns lugares da Província do Amazonas) "os jesuitas começaram uma igreja mas que não foi concluída, cujos grossos alicerces viu em 1861. Mas o citado engenheiro não viu sômente os alicerces como também parte da fachada com 1 metro e 12 centímetros de espessura e de argamassa muito fraca, de barro, pedra e cal. Essa fachada foi continuada pelos Coitinhos e depois, na reconstrução da Igreja, pelo atual Vigário, a metade dela foi conservada e serve de apoio à lage de cimento armado do Côro. A Igreja porém feita pelos Coitinhos era toda de taipa. Os esteios todos de Acariquara de 10 e mais metros de altura. Tinha de comprimento 44 m. e 46 centímetros e de largura 10 m. e 40 cent..

Essa metade da fachada antiga, com a tôrre colonial da esquerda, foram conservadas como lembrança dos benemeritos e santos Jesuitas e dos Coitinhos benfeitores de Borba sua terra natal. De junho de 1853 até dezembro de 1869 «serve de Matriz uma casa particular». Dizem os antigos que é a casa, onde se está construindo o Internato Coração de Maria. Em 1861 o mesmo J. M. da Silva Coutinho escreve: «A Matriz atualmente em construção tem 50 palmos de frente por 150 de fundos... há por enquanto a cobertura de telha e os moirões... O tecto foi mal construído e por isso abateu em alguns pontos...

Em dezembro de 1869 já estava pronta pois ocorre o assentamento de batisados: nesta paróquia Igreja de Sto. Antonio «de Borba». O Vigário interino Pe. Francisco Benedito da Fonseca Coitinho. Mons. Coitinho muito depois, mandou construir arcádas sôbre colunas, ao lado das parêdes para aguentar o telhado. Foi construtor o português, mestre Antonio Joaquim Pereira, que

faleceu em Borba em 11 de fevereiro de 1909. Um dos pedreiros auxiliares do Português ainda vive.

Segundo o Relatório da Província do Amazonas, volume Vº, pag. 757, diz o Dr. Domingos Jacy Monteiro, Presidente da Província: «A Igreja da Freguezia de Borba construída quasi toda... mediante as esmolas dos fieis, apesar da sua falta de elegancia e defeitos de arte é a 2a. igreja da Província». — Parece que, com a morte do Vigário colado Antonio Franco, a Paróquia ficou vaga.

Era visitada periodicamente por diversos sacerdotes. Também deparamo-la anexa à Canuman. Em 1900, Mons. Coitinho pede e obtem provisao de Vigário de Borba. Em 1910, falece. Desta data em diante, ficou anexa primeiramente a Manicoré e depois a Itacoatiara até 1936. Tendo D. Basilio Pereira conseguido um sacerdote do Estado da Bahia, foi este nomeado pároco. Estando a Igreja precisando não so de reparo como de reconstrução, o novo Vigário auxiliado pelos tesouheiros Paulo Mourão e Paulo Radul, catolicos maronitas, deu inicio as obras. Junto as velhas paredes de taipa, levantaram-se as de alvenaria. As varandas toram transformadas em naves laterais. Em frente a capela mor fez-se o transêpto com duas fachadas e coros, ficando assim a igreja bem ventilada. Construíram-se novos altares, colocaram-se vitraes coloridos, procurou-se dar à Casa de Deus, o que melhor podia oferecer uma Paróquia pobre.

Durante a Cabanagem, quando de todas as partes afluíam fugitivos, à procura de abrigo, foi a Igreja de Borba o Forte, o Hospital de Sangue e o refugio das familias.

Continua sendo a mesma Igreja de Sto. Antonio feita pelos Santos Jesuitas, a mesma onde oficiou e foi sepultado o santo Carmelita Frei José das Chagas, a mesma que foi o baluarte, o Hospital e o abrigo durante a Cabanagem. Ela é um lugar santo e querido de Deus. Todos que nela entram sentem-se envolvidos por um ambiente de piedade e unção. Anualmente para ela afluem milhares de fieis. São tantas as graças alcançadas, por intercessão de Sto. Antonio, que tornou-se o maior Santuario do Amazonas. Nela se cumprem as palavras do Evangelho: «Pedí e recebereis».

Como Cristo na Cruz, a Matriz de Borba, que também tem a forma de Cruz, no seu 2.º Centenário de Igreja Paroquial, abre os braços do seu trasepto para estreitar amorosamente a todos, que a ela vierem pedir, por intercessão de Sto. Antonio, as benções e graças de Deus.

*Pe. Bento José de Souza
Vigário de Borba.*

Festas bi-Centenárias de Borba

Neste ano de 1956 celebra Borba o II Centenário da sua elevação à Primeira Vila e à Primeira Paróquia do Amazonas.

Por decreto do rei D. José I, a aldeia Trocáno, missão dos Padres Jesuitas, foi elevada à Vila e Paróquia, com o nome de Borba, pelo então Governador Mendonça Furtado, em 1.º de Janeiro de 1756.

Grandes festas se farão no decorrer do ano.

O apogeu das solenidades será no mês de Junho, durante a trezena de Santo Antonio, Padroeiro da Paróquia e de todo o rio Madeira.

Esperam-se em Borba os Exmos. Snrs. Arcebispo Metropolitano, Governador do Estado e outros brasileiros eminentes.

Visitarão Borba o snr. Presidente da República, Senadores, Deputados Federais e Estaduais e entidades de projeção nacional. Todos os Municipios se farão representar por embaixadas seletas da élite social.

Vinde a Borba! A história de Borba é a do Amazonas. Com Borba começa o Amazonas político. Com Borba floresce e falece o grande Estado. Quando uma política anti-patriótica fez desaparecer o Amazonas, Borba também desapareceu como Vila. Tiraram-lhe o nome. Passou a se chamar Araretáma. Ressurgindo a Provincia do Amazonas, Borba volta á sua categoria de Vila, com o nome primitivo. A epopéia amazonense foi escrita em Borba com o sangue do seu povo, durante a Guerra dos Cabanos. Borba é uma gloria para o Brasil. Vitor da Fonseca Coitinho, filho e defensor de Borba, é lídimo exemplar do soldado brasileiro, é um herói. Ele cobriu de gloria o seu Estado e a terra natal. Durante a Cabanagem, quando as vilas e cidades, inclusive Belem, caíam em poder dos revoltosos ou aderiam aos cabanos, Borba somente não capitulou e permaneceu fiel ao Governo legal do Brasil.

Borba derrotou os Cabanos em todos os ataques, triunfou em todas as lutas, cobriu-se de gloria.

Visitai Borba! Conhecereis sua bela e secular Matriz, testemunha silenciosa de um passado glorioso.

Ela foi o Forte, o hospital de sangue, o abrigo das familias fugitivas, que afluíam a Borba em procura de refugio. Sorridente a bi-secular Igreja vos acolherá, como outrora aos nossos antepassados. Nela sereis recebidos por Santo Antonio que, ao dar-vos as Bôas Vindas, derramará tambem sobre vós as bênçãos e graças de Deus.

A' Borba! em 1956.

*J. Bento José de Souza
Vigário de Borba.*